

TRANSCRIÇÃO - LUCIANO XIMENES ARAGÃO

Prof. Dr. Luciano Ximenes Aragão: Bom dia, pessoal! É eu me sinto honrado de estar hoje aqui de gaiato, nessa apresentação, porque na verdade minha apresentação seria quarta-feira, e eu vou falar aqui de forma improvisada né, queria que vocês me desculpassem por essa ousadia, né de falar assim com vocês, de falar dessa maneira, sem ter aqui uma apresentação à altura de que vocês merecem mesmo.

Primeira questão então é agradecer de estar aqui, compartilhando dessas inquietações, e a segunda é chamar atenção que mais uma vez a gente fica muito desafiado, quando vai tentar montar eventos, na geografia na FEBF, e a gente fica lamentando muito a questão de ter poucos alunos compartilhando o mesmo interesse, são sempre os mesmos alunos que comparecem, normalmente aqueles vinculados ao C.A. ou que tem algum convívio com a FEBF... E é bom lembrar, que a instituição é feita por nós alunos e professores, então se a agente traz um convidado, ou pelo menos, felizmente as pessoas que estão aqui já são da casa, tem um conhecimento mais aproximado de vocês, mas a gente tem que tentar de novo, estar estimulando a presença de vocês.

Então eu queria começar, exatamente com uma provocação que é na verdade o pressuposto de orientação das pesquisas que eu desenvolvo, na verdade é que eu tenho desenvolvido com os estagiários, que é a proposta dita na mesa né... Então eu trabalho com metodologia, teoria da geografia, pensamento geográfico, com ensino de geografia. E aí a gente sempre está com aquela questão né, sempre mergulhar nos pragmatismos, é exatamente com relação aos obstáculos epistemológicos, de cognição ou de visibilidade da geografia. Então né, qual a origem desses obstáculos epistemológicos? A gente tem uma preocupação, dentro dos grupos de estudo, exatamente de tentar buscar, ou pelo menos tentar uma impulsão, vamos dizer assim, histórico genética que tem naquelas situações.

Então, tem uma pergunta dentro da geografia, ou várias perguntas que atravessam a geografia, que são sentidas, dentro do cotidiano em relação aos

nossos pais, mas também dentro da vida cotidiana em relação aos nossos pais. As perguntas frequentes que reecoam e ecoam sobre a geografia é: “O que é geografia? Pra que serve geografia? A quem a geografia serve? Por que se faz geografia?” Então é... Essas perguntas elas são muito recorrentes. E com relação a vocês mesmos, quando vocês estiveram, optaram a fazer geografia, alguém deve ter questionado né, “ou vai ser professor.” ou então “Geógrafo faz o que?”. A outra questão que aparece também, mas é pouco recorrente, na verdade se você estiver com paciência, e o seu interlocutor perguntar isso, você vai dizer “Ah, a geografia estuda a Terra”, (...) vai dar a tipologia da palavra, Geografia descrição da terra, estudo da terra.

E repare que aí, já vai aparecer nosso primeiro obstáculo epistemológico, a geografia como uma descrição da terra. Se a geografia é uma descrição da terra, significa que ela não precisa de um método muito elaborado, você pode ir a campo, observar a natureza, observar a sociedade, e fazer a descrição. O método é a descrição em si mesma, isso também aparece então isso como obstáculo epistemológico. Há um outro obstáculo, então a gente já falou o primeiro, o primeiro seria considerar a geografia como a descrição da terra, o segundo obstáculo estaria ligado exatamente a essa questão da, descrição, a geografia seria uma descrição. A outra é como se define o objeto, é muito diplomista definir a geografia como o estudo da superfície terrestre, aí por que esse é um obstáculo epistemológico? Então todos os fenômenos eles ocorrem na superfície terrestre, então o que aparece nessa questão? É uma definição (...) vaga, considerar a geografia como estudo da superfície terrestre. Além do que, quase todas as disciplinas estudam. Ora, todos os fenômenos que ocorrem na sociologia, na história, na biologia, na química, ocorrem na superfície terrestre, à finalidade última é a superfície terrestre. Então, na verdade, isso é um outro obstáculo epistemológico, e visibilidade da geografia. Ora, da descrição também veja, o que seria a geografia moderna, sobretudo a partir da geografia dos grandes viajantes, dos relatos, (...) de viagem, também remetem a descrição, também se circunscrevem aí outro obstáculo epistemológico. O outro obstáculo que vai aparecer em função das sociedades reais de geografia, na França na Inglaterra na... Em vários países da Europa

Ocidental, tinham um contexto específico, estavam ligados exatamente na questão do desencaixar as outras armas, (...) as armas que pudessem ter algum interesse dos europeus. O contexto da geografia tem o nacionalismo patriótico, que na verdade chega, faz com que as escolas cheguem perdão... Faz com que a geografia chegue às escolas como uma necessidade de imputação do nacionalismo patriótico. (...) Então outro obstáculo epistemológico é essa geografia hegemônica, essa geografia que presa pela memorização muito presente nas escolas né, sobretudo não se remete a essa questão da memorização da geografia tradicional.

E por último né, o talvez além desses quatro obstáculos epistemológicos, a gente tem a geografia do (...) uma das maiores revistas internacionais de tiragem. Inclusive, tem até uma versão brasileira, que é da National Geographic, que também sugere a ideia de contemplação né. Você olha aquelas imagens e vê o encantamento, em relação ao despotismo que essas imagens apresentam (...). E hoje tem até um canal de televisão a cabo que é da National Geographic. Então tudo isso serve exatamente, se de um lado tudo isso serviu para banalizar o que seria geografia, por outro lado paradoxalmente serviu para, projetar a geografia. O lado negativo disso é que, a geografia vira uma ciência descritiva, uma ciência de contemplação, em outro instante de uma questão muito interessante para a gente né, fazer com que a geografia deixe de ser um substantivo, a descrição da terra e se torne um verbo. A gente na verdade faz geografias, não fazemos só história, fazemos geografias! Significa aproximação, entre geografia e a prática social, então é aí que a gente pode trazer o grande, o grande trunco que a geografia tem... Sua vinculação a prática social. Como disse o filósofo LÉFEBVRE, "O espaço ele secreta uma prática social", o que o geógrafo tem de inquietação é o desvendamento dessa prática social. Então a gente está geografando, o homem marca a terra, e essas marcas estão longe de onde estavam presentes as suas contradições, e é isso que interessa mais exatamente.

E é isso na verdade, esse seria, essa longa introdução seria para demonstrar, os pressupostos que orientam a pesquisa do meu grupo de pesquisa, que é dedicado ao ensino de geografia, e o outro, a produção do espaço na periferia.

Então o pressuposto fundamental dessa pesquisa, é que a gente não faz só história, fazemos também geografias! Ora, mas se todo mundo faz geografia, para que, que serve geógrafo? Só que a gente faz história, e tem consciência de como é feito, a gente faz história a reveria das nossas vontades, ou seja, a história aparece como uma exterioridade, o MARX dizia “os homens fazem história, mas não acima dos (...) desejada por eles”. E a geografia? Fazemos geografia? Se todo mundo faz geografia então não precisa geógrafo? Não é bem assim! No caso da geografia, fazer esse desvendamento dessas relações sociedade e espaço, é necessário citar as principais mediações para ajudar no desvendamento, o papel dos conceitos da geografia, daí o papel da teoria da geografia, o papel das categorias espaciais de construção da sociedade, como diz o geógrafo Ruy Moreira. Então, a primeira argumentação que aparece aí, na própria formação do mundo desde a antiguidade clássica até o tempo contemporâneo, a gente tem exatamente o que, a geografia vai aparecendo como necessidade prática. Então a gente consegue verificar aí que essa geografia, deixa de se tornar substantivo e passa a se tornar verbo, não são só histórias, mas geografias que vão sendo feitas.

Então por esta razão, que a gente começou a investir nesses estudos. O primeiro deles naquele andamento que apareceu a parte da iniciação a docência foi exatamente com relação a um diagnóstico do ensino de geografia, na periferia né. Então, a gente fez uma pesquisa com vários professores, alguns estiveram aqui na FEBF, outros a gente foi a campo, fazer as entrevistas, os bolsistas foram a campo. A gente fez um questionário semiestruturado. E a gente verificou que nesse primeiro momento, a geografia aparecia, até no que tesse, o processo de renovação da geografia, onde se fala na geografia crítica, muitas vezes. Na verdade a geografia também aparece na sala de aula, banalizada. Sobretudo porque, para além das condições de trabalho dos professores, para além da estrutura com a qual os concursos são feitos, e os professores são (...) dentro das escolas, ele não vive a escola, a gente vê que o material privilegiado de uso das escolas tem sido o livro didático. Então o que significa isso, o livro didático é atualizado, de forma que não é o professor que escolhe o livro didático, é o livro didático que escolhe o

professor. E a triste consequência disso, é que a geografia fica se tornando uma representação das representações. Só para a gente ter uma ideia do que significa isso, a representação das representações. É que a gente observa que na maioria dos livros didáticos, quando se fala em segregação, aparece uma foto de um edifício de luxo, lá em Paraisópolis e do lado à favela de Paraisópolis. Então a consequência disso, é que falar de segregação só ocorre em São Paulo, só ocorre em Paraisópolis, não tem em termos metodológicos, não tem como avançar além por essa discussão da gênese, dessa chamada segregação, e avançar no ponto da auto segregação, em como isto está imerso dentro da reprodução do espaço. Essas foram as principais questões que apareceram na primeira parte da pesquisa.

Com o desdobramento dessa pesquisa, no ano seguinte, a gente continuou trabalhando com a questão das ontologias do professor de geografia. O que é ser professor de geografia? As perguntas que nos orientaram a partir dessa primeira pesquisa, é exatamente o que é ser professor de geografia na periferia, e a gente começou a verificar que a pergunta principal é por que apesar de pouco, continuar sendo professor de geografia? E a gente também fez algumas pesquisas, e a gente fez pesquisar, o aluno que chega a universidade por que ele escolheu geografia, como é que o professor ingresso na universidade trabalha geografia né. Tentando exatamente verificar, como é que a geografia chega ao ensino básico, e como é que ela influência na escolha pela geografia, e finalmente como é que o professor trabalha geografia. Então esse desdobramento ficou bastante interessante, e a gente percebeu que em diferentes casos, o que mais surpreende na escolha, pelo menos observando os alunos que ingressaram recentemente na faculdade, é a influência do professor de geografia na escolha pela geografia né. Apesar dessa banalização, que a geografia aparece, em relação ao uso do livro didático, embora ela tenha um conteúdo renovado, ela continua tendo um método, que ainda é dada da geografia dita tradicional. Que não é de toda forma ruim, ela chegou pra gente de forma muito é... Vulgarizada, mas que não houve uma exploração ainda do que seria essa geografia tradicional. Não é só aquela ingenuidade que a gente coloca, no primeiro encontro ou na primeira

linha, ela tem algumas contribuições. Então em termo de método, permanece a memorização, o aluno vai decorar, o que aparece na geografia critica no livro didático, em outras palavras é isso que acontece. Mas surpreendeu então que existe ainda alguns professores que são engajados, que consideram a geografia como uma arma, na verdade política, ou pelo menos um artifício político, que desvenda essas contradições que estão impostas entre sociedade e espaço. Então isso foi muito surpreendente para nós, verificar exatamente isso, que quando eles falavam, ou os depoimentos acrescentados nas pesquisas deles na UERJ, eles se identificam com a geografia. Veja bem, por que eles se identificam com a geografia, porque ela coincide com a prática social. E aí é que está a questão, porque a gente vive uma crise (...)... A gente vive uma crise de sentido da escola, com extensão do sentido da geografia, apesar dessa crise da escola, dessa crise exatamente, porque a escola parece não fazer mais sentido, e por extensão a geografia também não fará, mas sentindo, sobretudo se, se mantiver o nível de uma geografia que permaneça no nível das abstrações, que permaneça no nível das representações, descolada da prática social.

O que na verdade, aparece muito desafiador, na formação inicial dos professores é exatamente a restituição, de uma prática social, colada a prática espacial. Então esse movimento, ele tem de ser recuperado, ele tem de ser restituído, e é o maior desafio que está posto sobre nosso grupo de estudos sobre o ensino de geografia nas regiões periféricas. Essa preocupação vai atravessando o que tem uma implicação metodológica, sobre exatamente o que é a geografia, pra que serve a geografia, a quem serve a geografia, e o nosso pressuposto que deriva dessas questões, é de que a geografia coincide com a prática social. Então não se faz apenas história, como eu disse agora pouco, se fazem geografias, agora no plural né, então são geografias que aparecem coladas com as marcas da sociedade sobre o espaço terrestre, então isso já aparece no nível de forma genérica, mas, que é considerado então no grupo de pesquisa.

Agora, como desdobramento, que é o terceiro momento dessa outra pesquisa, a gente começou com o diagnóstico, chegamos à ontologia. Agora a principal

pergunta que eu oriento o grupo de pesquisa é: “Como é que esse temário da geografia ele é relevante? Já que ele coincide com a prática social, qual é a sua relevância? Quais são os fundamentos teóricos, metodológicos, que podem colocar a geografia como projeção. Sobretudo, em um momento muito curioso recentemente, não sei se vocês estão sabendo, que em várias partes do mundo o ensino da geografia esta sendo excluída da escola básica. E a gente esta vivendo um momento no Brasil, que está apontando essa direção. Recentemente, teve uma reunião com os governos dos estados, das unidades federais do Brasil, que estão propondo o novo ensino médio, onde na verdade você começa a trabalhar as grandes áreas do conhecimento (...). Isso traz implicações também sobre a geografia, né em algum momento vai surgir àquela volta dos antigos estudos sociais (...). A gente tem que estar atento a essas mudanças, a AGB já esta começando a se mobilizar, a Associação dos Geógrafos Brasileiros, já esta começando a debater essas questões essas reformulações que estão sendo colocadas aí. E é curioso, quanto mais a gente tem esses grandes acontecimentos, a questão da tragédia em Minas em Mariana, observando também os ataques terroristas aí, aquilo ali é a geografia em ato, é o momento da prática social.

Então o que deve nos inquietar, e talvez, servir como ponto balizador, para exatamente recuperar essa ideia, é de como a geografia aparece com essa vislumbração, como é que a gente vai fazer justamente esse desvendamento, sobretudo como reler essas contradições, não dá pra gente ficar só na contemplação. Existem questões muito mais complexas, muito mais urgentes a serem colocadas, e isso dá a relevância da geografia, então pra que serve a geografia, a quem serve a geografia, isso é um momento muito interessante. Observar o que aparece nas entrelinhas, só isso vai levar a pouco. Então todo mundo faz geografia, não precisa ter geógrafo. Tem que certamente, mobilizar as categorias da geografia, para entender, coloca-las como mediação, para exatamente superar os imediatismos né, essa impressão imediata que aparece muitas vezes nesses noticiários, a geografia aparece importantíssima nesses momentos de se colocar, mobilizar suas categorias e seus conceitos, para fazer os desvendamentos necessários, isso mostra evidentemente o que?

Enriquecimento do preparo da geografia contemporâneo, e que não importa se é o geógrafo ou o professor de geografia, ambos têm a mesma preocupação.

Eu me lembro de uma vez, que o professor Paulo Sérgio Gomes da UFRJ, ele fala que “o papel do geógrafo é o mesmo que o (...), de apresentar o mundo em determinado momento.”. Isso procede com os viajantes, chega também na idade média com os árabes, e na idade contemporânea com a sociedade da área geográfica. Ora, a gente continua tendo que apresentar o mundo, e aí esse é o papel, não importa se por questões do professor de geografia ou do geógrafo, o papel deles é exatamente é buscar o que significa essa ordem espacial.

O outro momento da pesquisa também é se justamente a geografia é uma prática social, e se a gente explicou no primeiro momento, que é... A geografia ela se confunde com essa prática social, e a gente vive em um momento marcado por uma contradição muito potente, que seria essa programação da vida cotidiana. Essa programação da vida cotidiana, esta ligada a questão também, isso chega à escola, através da programação do ensino, o professor chega à sala de aula, vai passar a matéria no quadro, depois se der tempo explica, sinal bate ele vai pra outra turma, e depois pra outra escola e depois fazer chamada, e assim tem sido uma atividade que está no nível do repetitivo. Ele esta ali para exatamente fazer essas exposições, e quando muito ele consegue fazer algum trabalho cognitivo. Mas você tem visto, sobretudo vocês que fazem estágio supervisionado, tem verificado isso, que o professor tem se tornado um burocrata(...). Então a gente esta justamente pensando nisso, qual é, o que vai inquietar esse professor. E aí a gente parou pra pensar o professor também tem que ser pesquisador, não dá pra separar essa duas profissões, até porque esse momento de pesquisa do ensino e da aula deve sempre estar vinculado à pesquisa, pra saber qual a relevância do ensino, que deve sempre estar nas nossas preocupações. Não só o professor de geografia, mas também o geógrafo, eu acho que sim esses acontecimentos recentes, têm muitos outros, mas esses dois foram os (...) de que são momento de geografia e ato, que devem ser estudados pela geografia, dentro de suas categorias e serem explorados. Então a crise da escola, a crise dos professores da escola, que eu

falei agora pouco na outra pesquisa, é exatamente a exploração do lúdico. Ora a gente vive esse cotidiano programado, que de um lado afeta o professor, mas que de outro lado afeta o aluno. A gente esta diante da sala de aula, com uma geração muito ligada aos imediatismos, sobretudo ligado ao consumo, eles estão programados a consumir, o apego ao consumo é muito grande. Mas o que eu isso tem a ver com o ensino de geografia? São dificuldade, justamente esses imediatismos, evitam que a pessoa reflita sobre as suas condições de vida, que reflita sobre a sua atuação sobre a prática social, impede que ela reflita sobre uma prática social que também é espacial. Então é, sobretudo com as novas tecnologias, o apego que aparece a partir dos jogos eletrônicos, até das redes sociais, faz com que o espaço vivido se recusa também a apresentações. O que acontece muitas vezes é o que? Que a maior parte do tempo tem sido gasta na frente do computador, ó a geografia estuda esses espaço vivido. Mas como a maioria dos alunos vive esse imediatismo, muito tempo gasto na frente do computador, ela já não reflete mais sobre os recursos, ela vive o que LACOSTE chama de sonambulismo espacial. Então como é que é que o lúdico entra nisso? Principalmente naquele momento em que as ruas, as praças, passam a serem abandonadas, elas não são mais lugares de convivência, do encontro. Exemplo aqui, se a gente for trabalhar as estações do ano, por exemplo, uma das consequências mais claras na parte do exemplo, o adolescente sai de casa e vê o sol em uma posição, ao meio dia o sol está no centro e no final da tarde está no lado oposto. Ora, em sala de aula, como é que a gente vai trabalhar isso? Será que ela vai ter essa capacidade de observar como o sol se coloca? E o professor de geografia, como é que poderia utilizar isso como uma provocação, para ensinar as estações do ano? (...) Então como a criança não experimenta mais, essas situações vividas, ela está muito presa nos jogos eletrônicos, esse apego que aparece, e cada vez mais programando esse cotidiano dessas crianças, dessa juventude que está colocando aí, eles tem hoje uma dificuldade enorme, de trabalhar então a geografia. É necessário chamar a atenção pro lúdico, e esse lúdico esta na rua, é no momento em que o jogo eu se estabelece na cidade, o encontro com o outro que abre as possibilidades de uma discussão mais aprofundada. Então

cada vez mais a gente fica preso nas representações, então o primeiro momento é que a gente trabalhe essas representações. Então como é que eu vou trabalhar, por exemplo, posição geográfica? Nesse cotidiano programado, onde a maior parte do tempo é gasta na frente do computador, impede essa compreensão. A geografia ela vai morrendo também, de certa forma, mas muito de certa forma mesmo, para essa geração que gasta a maior parte de seu tempo na frente do computador, e muitas vezes em jogos eletrônicos ou redes sociais, em informações muito banalizadas. Não usando o computador como banalização, mas muitas vezes é utilizado para isso, o entretenimento, mas o entretenimento que é superficial. Então recuperar o lúdico, recuperar as brincadeiras de rua, as relações que se mantem em grupo. Pode ver que muitos brinquedos que existiam antigamente, não existem mais, o pião, por exemplo, as bolas de gude (...). Olha jogar o pião e reparar o movimento que ele faz de rotação e de translação seria um momento rico, para recuperar uma questão muito abstrata ligada à astronomia e a estações do ano, que por sua vez está ligada a dinâmica atmosférica. Então é nesse momento que estamos preocupados com a questão do lúdico.

Então esse foi o percurso mais ou menos que a gente colocou, e recentemente olha só, no grupo de estudo da produção do espaço na periferia, a preocupação tem sido exatamente com relação à vida contemporânea. O que significa hoje, viver nessas áreas da periferia, como é que as estratégias espaciais na verdade elas (...) ou pelo menos elas fazem com que coincida, uma produção do espaço em ato e a produção da tragédia em ato. E a gente nesse grupo de pesquisa tem uma preocupação muito grande, a partir de uma perspectiva histórico genética, de buscar também como essas tragédias foram produzidas. Do ponto de vista da relação sociedade espaço, a gente começa a verificar que essa produção social no espaço, aparece de estratégias espaciais. Então olha só, são categorias da geografia que se vislumbram, essas tensões que se colocam exatamente, na produção do espaço e junto com ela as suas contradições. Então teria esse momento, que é importante recuperar na geografia, sempre com a preocupação de que essa prática social, também é nela mesma, uma prática espacial. Então a gente começa

exatamente, com esses desvendamentos, apontar a posição do sujeito, como se dão essas manifestações, como a gente pode verificar o que está nos inquietando, e como esses conflitos se estabelecem buscar em nossa orientação exatamente, esses debates.